

## O DESVIO ATRAVÉS DAS PRÁTICAS DE ÓCIO/LAZER

LUÍS GUILHERME ALBUQUERQUE DE ANDRADE

*Arquiteto urbanista, mestrando do PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do grupo de pesquisa Laboratório Urbano*

126

### OBJETO

*Lazer: 1. Tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas; 2. Atividade que se pratica nesse tempo; 3. Cessação de uma atividade; descanso, repouso. (LAZER, 2001)*

*Ócio: 1. Cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar; 2. Espaço de tempo e que se descansa; 3. Falta de ocupação; inação, ociosidade; 4. Falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade; 5. Trabalho leve, agradável. (ÓCIO, 2001)*

Na busca pela apreensão dos desvios que se desenvolvem em meio à cidade espetacular, direcionei meu olhar de pesquisador para as ações cotidianas onde se buscam o desprendimento das tensões normalmente impostas pela rigidez da vida urbana. Essas ações, que configuram espaços de transbordamento aparentemente livres das pressões impostas pelas obrigações de produção e de consumo, notadamente, também se desenvolvem nos espaços públicos da cidade. São ações renovadoras, que colaboram de forma positiva para a dinâmica urba-

na. Trato então da observação das atividades de ócio e de lazer não planejadas, praticadas em nosso recorte espacial de estudo. Elas se configuram em formas de apropriação diversas, cuja finalidade é o entretenimento e/ou descanso; são individuais ou coletivas, e se desenvolvem enquanto táticas adaptativas de uso do espaço. São ações que se mostram inusitadas e que costumam fugir do que pode ser considerado “uso adequado” estabelecido pelo planejamento urbano. São ações desprentensiosas que refletem o desejo e o prazer de quem as pratica.

## MÉTODO

*O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.* (MAGNANI, 2002, p. 17)

Como o que interessava era a apreensão do outro – particularmente a relação do outro com a cidade – a etnografia mostrou-se como um método de apreensão a ser explorado. O desafio metodológico então era o de adotar uma nova postura ao observar essa cidade, indo além do meu campo de formação. Neste sentido, experiências de pesquisa anteriores,<sup>1</sup> me permitiam certa familiaridade com o método.

Inicialmente, adotei uma perspectiva de ser apenas um observador, sem interlocuções diretas, tentando analisar não apenas o espaço, mas, sim, as relações estabelecidas entre o espaço e as práticas das pessoas observadas. Os registros de observação eram feitos apenas num diário de campo, onde sempre que identificado algo que chamasse minha atenção, anotava uma descrição clara do que ocorria, juntamente com o registro da localização no percurso realizado e do horário da ação.

127

## OBSERVAÇÕES E ANÁLISE

*[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.* (CERTEAU, 1998, p. 39)

Ao contrário de outros membros do nosso grupo, não concentrei minhas apreensões de campo num único ponto de nosso percurso. Pude observar algumas atividades que se estabeleciam com certa regularidade em alguns pontos específicos de nosso recorte, como alguns exemplos:

-- A interação entre as pessoas que esperavam pelo ônibus, aglomeradas na es-

treita calçada da na Av. Carlos Gomes, ocupando boa parte de uma das pistas de veículos no final da tarde, horário de tráfego intenso.

-- Crianças, de várias idades, transformando a Rua Democratas (2 de Julho) numa espécie de extensão do pátio da escola, durante a volta pra casa. Elas brincavam, corriam, jogavam bola, conversavam alto, sem o acompanhamento de adultos, tomando conta de toda rua.


-- Lavadores de carro jogavam baralho num tabuleiro improvisado, no intervalo do trabalho, à espera de um novo cliente, ao lado da Arena Fonte Nova (na época em construção), embaixo de um viaduto, em meio a pistas de alta velocidade.

As práticas cotidianas observadas de algum modo superaram o uso esperado dos espaços observados. Elas evidenciavam a capacidade de adaptação de seus praticantes, nas mais diversas atividades, quase sempre de modo surpreendente e pouco convencional. Estas são práticas protagonizadas por sujeitos capazes de adequar o espaço ao seu desejo, à necessidade do momento, pouco importando o que se pode pensar ou sentir a respeito do que se propõe a fazer. Pode ser algo irrelevante, atraente ou incômodo para quem não participa.

128

A imprevisibilidade desses usos, e o modo como se configuravam destoantes daquilo que poderia ser considerado “ideal” ou “correto”, nos traz uma reflexão sobre como essa realidade quase sempre suplanta o que se encontra predeterminado, preestabelecido no espaço urbano.

Quando uma rua, concebida como um lugar de passagem e circulação, é transformada num espaço lúdico, onde crianças brincam livremente, por exemplo, sua apropriação acaba por revelar também um espaço de interação e sociabilidade, ainda que efêmero. Essa adaptação de uso pode ser um reflexo da ausência de espaços urbanos pensados para esta finalidade, mas também se configura numa tática de desvio à árdua rotina de quem busca de algum modo, o descanso e o prazer, muitas vezes num curto período de tempo disponível no seu dia a dia.

Vale ainda ressaltar a importância das ações apreendidas, na medida em que essas diversas formas de apropriação do espaço urbano por meio das práticas cotidianas, acabam por gerar importantes espaços de encontro e articulação entre diferentes cidadãos, zonas sujeitas ao mais variados conflitos que constituem importantes espaços sociais de natureza política na cidade. 

<sup>1</sup> Oficina oferecida no CORPOCIDADE 3, em abril de 2012. Ver: CARVALHO FILHO; MONTOYA URIARTE (2013).

/

CARVALHO FILHO, M. J.; MONTOYA URIARTE, U. Observando as ruas do centro de Salvador: o transeunte do século XXI – relato de uma oficina do Corpodade 2012. *Redobra*, Salvador, Ano 4, n. 11, 2013.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

JACQUES, Paola B. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. *Arquitextos*, São Paulo, n. 10.110, jul. 2009. Disponível em: <<http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>. Acesso em: 10 out. 2012.

LAZER. In: HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles, FRACO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.17, n. 49, jun. 2002;

MARCELLINO, Nelson C. *Estudos de lazer: uma introdução*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

ÓCIO. In: HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles, FRACO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.